

José Carlos Pereira GERVÁSIO

Graduando em Filosofia

CES/JF

RESUMO

A morte é um fenômeno natural. Ela passa por um caminho e se finda no tempo, o que limita a existência do ser. Por isso, o tema proposto não será tratado biologicamente, e sim em seu sentido filosófico. Na tradição filosófica a morte é entendida ou questionada como finitude ou cessação da existência humana. Neste artigo será feita uma reflexão a partir da leitura da filosofia de Martin Heidegger na perspectiva investigativa fenomenológica-ontológica, detendo, sobretudo, em alguns conceitos heideggerianos de ser-para-a-morte, ser-todo e autenticidade. Na cultura ocidental contemporânea, muitas das vezes o homem vela a morte, pois ele não quer se deparar com o fim da sua existência, pois ele vive sua presença na inautenticidade, fechado as possibilidades. Para o filósofo alemão, nas pesquisas realizadas, sobretudo em sua obra e alguns comentadores de sua obra *Sein nicht Zeit* (1927), a morte é a possibilidade para que a vida seja redimensionada e vivida de forma autêntica, pois o homem está em constante vigília em relação aos fenômenos que lhe são apresentados. O ser lançado no mundo faz com que o homem lembre-se que possui um fim e que para esse fim ele caminha, pois, uma vez lançado na existência o ser é responsável para o fim da mesma, portanto a morte é uma condição irreversível e intrínseca a sua existência.

Palavras-chave: Martin Heidegger. Existência. Ser-para-a-morte. Possibilidade. Autenticidade.

